



“ERA MELÔ DO CAMELÔ EM COPACABANA”: UMA ANÁLISE SOBRE OS VENDEDORES AMBULANTES NA PRAIA DE COPACABANA- RJ."

Renata Braga dos Santos ¹

RESUMO

Atualmente, na economia dos países periféricos se observa uma crescente alteração no mundo do trabalho em virtude das discrepantes forças de produção e reprodução, processo no qual influencia diretamente no crescimento de ocupações intituladas como informais e trabalho por conta própria. A precarização do trabalho no Brasil não é fenômeno recente, entretanto, na contemporaneidade o país vem passando por um agravamento desse processo que se concretiza a partir do desmantelamento dos marcos regulatórios desenvolvidos para proteger a força de trabalho, tendo como exemplo, as alterações de regras de remuneração, jornada e plano de carreira provenientes da Reforma trabalhista. A informalidade se transformou em um fator determinante para ocupação da população marginalizada no mercado de trabalho, os trabalhadores vivem situações vulneráveis em espaços periféricos, vivenciando a cidade e o cotidiano urbano com baixa qualidade de vida. Diante dessa conjuntura, se manifestam formas de trabalho por conta própria denominadas como “vendedores ambulantes” que atuam na faixa de areia e no calçadão do bairro de Copacabana- Rio de Janeiro, mediante a comercialização de produtos e serviços. O objetivo principal é analisar a dinâmica da comercialização e as condições trabalhistas propagada pelos ambulantes ao longo da praia de Copacabana, na perspectiva dos dois circuitos da economia urbana buscando salientar o perfil dos vendedores ambulantes e o desempenho de suas práticas tanto na orla quanto no calçadão.

Palavras-chave: Trabalho, Comércio, Informalidade, Desemprego, Consumo.

RESUMEN

Actualmente, en la economía de los países periféricos hay un cambio creciente en el mundo del trabajo debido a las fuerzas discrepantes de producción y reproducción, proceso en el que influye directamente en el crecimiento de ocupaciones designadas como informales y autónomos. La precariedad del trabajo en Brasil no es un fenómeno reciente, sin embargo, hoy en día el país viene atravesando un agravamiento de este proceso que se materializa a partir del desmantelamiento de los marcos regulatorios desarrollados para proteger la fuerza laboral, tomando como ejemplo los cambios en las reglas de remuneración, jornada laboral y plan de carrera derivado de la Reforma Laboral. La informalidad se ha convertido en un factor determinante para la ocupación de la población marginada en el mercado laboral, los trabajadores viven en situaciones de vulnerabilidad en espacios periféricos, experimentando la ciudad y la vida cotidiana urbana con baja calidad de vida. Ante esta situación, se manifiestan formas de autoempleo conocidas como “vendedores ambulantes” que laboran en la franja de arena y en la acera del barrio Copacabana-Río de Janeiro, a través de la venta de productos y servicios. El objetivo principal es analizar la dinámica de comercialización y condiciones de trabajo que propagan los vendedores ambulantes a lo largo de la playa de Copacabana, desde la

¹ Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, renata.bsantos@outlook.com.br ;



perspectiva de los dos circuitos de la economía urbana, buscando resaltar el perfil de los vendedores ambulantes y el desempeño de sus prácticas tanto en la Frente al mar y en la acera.

Palabras clave: Trabajo, Comercio, Informalidad, Desempleo, Consumo.

Introdução

O mundo perante o processo de reestruturação produtiva, neoliberalismo e hegemonia financeira trouxe impactos significativos e estruturais para o campo do trabalho e no modo de produção capitalista. A lógica da acumulação financeira tem sido cada vez mais atrelada ao método do crédito e ao capital fictício, onde a acumulação monetária não é somente baseada na exploração da mais-valia, isto é, a produção de riqueza tem sido cada vez mais desconexa no que se refere ao uso força de trabalho humano em decorrência da revolução microeletrônica. Há tempos, a relação entre trabalho e cidade perpassam por redefinições que, por consequência, exacerbam a exclusão e a pobreza, principalmente, quando a mediação do papel estatal se propaga, sobretudo, conforme as “necessidades” do padrão de acumulação capitalista. Com o avanço de políticas neoliberais houve o aumento da informalidade, do desemprego e do subemprego concomitante a precarização das relações trabalhistas formais. As baixas taxas de remuneração, regulação e a exorbitante exploração da força de trabalho que ocorrem simultaneamente a mercantilização de terras urbanas, revelam a degradação do direito à cidade com salários cada vez mais baixos e aluguéis progressivamente mais altos.

Atualmente, cerca de 13,7² milhões de brasileiros se encontram sem emprego e o trabalho doméstico e as atividades por conta própria batem recorde em detrimento da expansão do desemprego. Obviamente, esse cenário recebeu influência direta da pandemia de Sars-Co-2 (Novo Coronavírus), contudo, ainda assim, a epidemia só expôs algo que é latente na sociedade brasileira, a desigualdade social e carência de postos de trabalho. Na cidade do Rio de Janeiro a conjuntura decorreu de forma mais acentuada, no primeiro trimestre do ano a taxa de desemprego fluminense bateu recorde histórico

² Desemprego cai para 13,2% em agosto, mas ainda atinge 13,7 milhões, aponta IBGE. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/10/27/desemprego-fica-em-132percent-em-agosto-aponta-ibge.ghtml> Acesso em: 29 de outubro de 2021.



contabilizando um contingente de 1,6 milhão de desempregados³, as atividades econômicas mais afetadas foram o setor de serviços com saldo de -47.973 vagas, setor de comércio com -15.673 de saldo, setor da construção com -1.991, indústria com -1.757 e agropecuária com 3 postos de trabalho, única atividade positiva (NOVO CAGED, 2021).

A cidade do Rio de Janeiro é o retrato real da decadência do Brasil, em uma escala local. A pobreza está presente na sociedade carioca, não falamos aqui apenas de uma privação econômica e material, mas também de uma privação de um modo de vida. SANTOS (2013, p. 21) expressa que “a pobreza deve ser tolerada como inerentes às agruras do crescimento econômico”. Ou seja, é concomitante aos desígnios do sistema capitalista. Diante dessa perspectiva, temos a ampliação incessante de atividades “informais” também designadas como trabalho por conta própria no espaço fluminense, caracterizadas, principalmente, pela atuação de vendedores ambulantes, motoristas de aplicativo, feirantes, etc.

Dessa forma é indispensável o estudo das manifestações de formas de trabalho por conta própria intituladas nesse artigo como “vendedores ambulantes” no cartão postal de cidade, na praia de Copacabana- RJ. O presente título do artigo “ERA MELÔ DO CAMELÔ EM COPACABANA” transcrito de uma canção de rap brasileira composta pelo Poesia Acústica, expressa alusão a atuação dos ambulantes mediante a voz e a sinfonia dos trabalhadores. Os ambulantes atuam tanto na orla quanto no calçadão de Copacabana por meio da comercialização de incalculáveis produtos como bebidas, biscoitos, artefatos de tabacaria, produtos ilícitos, artigos de moda praia, serviços de massagem, mulheres trançadeiras, etc. O “lucro” que na realidade se materializa como meio de sobrevivência, é subordinado ao ato de resistência e perseverança dos trabalhadores durante as suas respectivas andanças nos dias de calor intenso. Além disso, essas atividades configuram uma nova relação de produção e consumo vinculada ao desempenho dos ambulantes.

³ Desemprego no RJ bate recorde histórico e atinge 1,6 milhão no 1º trimestre do ano, aponta IBGE. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/27/desemprego-no-rj-bate-recorde-historico-e-atinge-16-milhao-no-1o-trimestre-do-ano-aponta-ibge.ghtml> Acesso em 29 de outubro de 2021.



Copacabana por ser um bairro mundialmente famoso e turístico conhecido como “princesinha do mar” segundo a música de Tom Jobim⁴, tem se tornado não somente destino de visitantes, mas também de trabalhadores informais, inclusive, de outras partes do mundo. Dentre a infinidade de imigrantes que trabalham como ambulantes neste espaço, encontram-se angolanos, senegaleses e venezuelanos⁵. O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise das condições trabalhistas e da comercialização de mercadorias através do trabalho ambulante ao longo da orla e do calçadão da praia de Copacabana na perspectiva dos dois circuitos da economia urbana. Procura-se investigar as formas de trabalho intituladas como subemprego, informal e ilegal. Procura-se e caracterizar o perfil dos vendedores ambulantes e o desempenho de suas práticas tanto na orla quanto no calçadão. E por fim, refletir como a sociedade do trabalho em declínio é reflexo da crise estrutural do capitalismo.

Metodologia

O método de pesquisa utilizado está pautado a partir de reflexões e revisão bibliográfica sobre o circuito inferior e superior da economia urbana, globalização, formas de trabalho informal/ilegal, processo de formação e de transformação do espaço urbano carioca no bairro de Copacabana e mudanças nas leis trabalhistas que reforçam o desemprego no mundo contemporâneo. Como referência central do trabalho foi utilizada a obra de SANTOS (2008), que corroborou para o esclarecimento sobre a comercialização por meio do circuito de inferior e superior da economia urbana, salientando o lugar de trabalho e cotidiano dos ambulantes mediante a falta de investimento de capital e da expansão da comercialização de produtos de baixo valor, onde o consumo se limita aos indivíduos que não conseguem adquirir mercadorias no circuito superior, e por conta disso, ajudam no espraiamento da economia coexistente de mercadorias extremamente baratas. Em relação ao mundo do trabalho, é imprescindível para compreensão de um arcabouço teórico-conceitual heterogêneo e complexo, o uso de dados e informações dos principais repositórios de pesquisa do município e estado do

⁴ Copacabana. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/tom-jobim/copacabana-letras.html> Acesso em 29 de outubro de 2021.

⁵ Orla de Copacabana é dominada por vendedores ambulantes. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/orla-de-copacabana-dominada-por-vendedores-ambulantes-24288889> Acesso em 29 de Outubro de 2021.



Rio de Janeiro e do Brasil, podemos elencar alguns, tais como, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED e NOVO CAGED). Além do mais, o bairro de Copacabana se localiza na segunda maior aglomeração urbana do país, portanto, será de suma relevância o recorte espacial e temporal do objeto de estudo, categorizando ainda o perfil desse trabalhador desprovido de segurança social. O método observacional é parte importante da construção do conhecimento empírico acerca da temática sugerida, em virtude da familiaridade e proximidade com objeto de estudo.

Referencial Teórico

Enquanto o processo de mundialização da economia materializa a fluidez, a livre circulação de mercadorias e a velocidade da informação em escala global, ela se apropria do espaço geográfico de forma totalmente desigual, propiciando diferenças locais profundas. Segundo Bauman (1999, p.6) “O que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel.” Tendo em vista que o espaço urbano atualmente é totalmente fragmentado e segregado, evidentemente, o processo globalizador tende restringir camadas mais empobrecidas da sociedade ao invés de homogeneizar o acesso aos espaços, usurpando o direito de ir e vir daqueles que são marginalizados e descartados.

A reestruturação produtiva no século XX concomitante aos avanços tecnológicos e a financeirização da economia se atrelaram a hegemonia do mundo neoliberal. E mesmo que haja certo desenvolvimento das economias periféricas, a desigualdade social concretiza a informalidade estrutural, miséria, violência e a militarização dos espaços. Ademais, o Estado não se responsabiliza e muito menos detém da humanidade de gerar políticas públicas que favoreçam a minoria em função da maioria, seja por meio do acesso a mobilidade, espaço públicos, oportunidades dignas de trabalho e, principalmente, buscando atender necessidades básicas para manutenção da vida.

“O Estado, por meio de sua política de transportes, comunicações e investimentos, assim como através de sua política econômica geral e financeira, fiscal e urbana, pode ser uma causa de agravamento ou de criação de novas desigualdades.” (SANTOS, 2008, p. 295).



A concentração de renda e poder em determinada parcela do território aponta nítidos contrastes que influem na desigualdade socioespacial do território. Destarte, essa dinâmica é aguda principalmente nas metrópoles brasileiras, a cidade do Rio de Janeiro se encontra entre as metrópoles mais desiguais do Brasil⁶ e, provavelmente, do mundo. Conseqüentemente, parte da população marginalizada no mercado de trabalho das grandes cidades, se enquadra no que diz respeito ao trabalho por conta própria.

Segundo Wallerstein (2003,p.85) “O custo do trabalho sempre foi a maior preocupação dos capitalistas. Todos sabemos como os empregadores se esforçam para reduzir o nível do salário e como os trabalhadores lutam, inversamente, para aumentá-lo.”. Em função do declínio acentuado do sistema capitalista um dos seus desígnios é a progressiva flexibilização e exclusão da força de trabalho de seus respectivos processos produtivos, nos quais acarretam diretamente a precariedade e informalidade. No que diz respeito à economia urbana, a informalidade é de extrema importância surgindo como alternativa para grande parte da população marginalizada no mercado de trabalho, pois os trabalhadores não dão conta de acompanhar as praxes do poder hegemônico global, logo, não participam do circuito superior da economia e acabam se enquadrando em um vasto contingente do mercado de trabalho agregado a setores não modernos de baixa produtividade, com baixas remunerações e condições precárias de vida.

No que diz respeito a reflexão central da pesquisa, a comercialização e atuação dos trabalhadores na orla e no calçadão de Copacabana é explicitada pela obra do geógrafo Milton Santos, denominada “O Espaço Dividido. Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos.” A teoria dos dois circuitos da economia urbana é fundamentada na existência de dois circuitos socioeconômicos que atuam de forma articulada no espaço salientando a dinâmica da urbanização nos países subdesenvolvidos, ou seja, os dois circuitos são conjuntos diferentes de atividades e agentes vinculados pela produção e pelo consumo. O circuito superior subordinado a essa dinâmica de comercialização e de produção é basicamente representado pelos quiosques localizados ao longo da praia de Copacabana mediante ao alto grau de capitalização, serviços modernos, parcerias com grandes empresas e altos níveis de publicidade de marcas nacionalmente conhecidas, como por exemplo, Praia Skol

⁶ Desigualdade nas metrópoles atinge nível mais alto já registrado. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/desigualdade-nas-metrolopes-atinge-nivel-mais-alto-ja-registrado/> Acesso em 29 de outubro de 2021.



Copacabana, Quiosque Chopp Brahma e Habib's. Além do mais, há tempos os quiosques sofrem mudanças oriundas de reformas cujo intuito é atrair mais atividades turísticas que, conseqüentemente, aumentam o comércio e o consumo. O circuito moderno possui um aliado importante nessa trajetória: o Estado. Dentre as diversas formas de ajuda direta ao desenvolvimento do circuito moderno, nota-se uma certa proteção em relação à concentração de monopólios, construção de infraestruturas de grande valor, flexibilidade em acordos com firmas que dominam o cenário econômico. Porém, o Estado paga um certo preço por isso, e não é só econômico, é também político, e, por conta disso, conseqüentemente, se torna menos independente. Segundo, Santos (2008, p.175), “O Estado também é levado a dividir com os monopólios e as sociedades uma parcela do seu poder.”

O circuito inferior é componente vital para compreensão dessa realidade, principalmente, por não ser um setor tradicional e por viver em constante adaptação. No que diz respeito aos vendedores ambulantes, características que elucidam o circuito inferior são reveladas pelo ato de pechinchar e regatear; o abastecimento de mercadorias é frequente pela necessidade de possuir um estoque com itens variados em um curto espaço de tempo, visto que, o comerciante só contém o que pode vender guardando a curto prazo os produtos e através dessa dinâmica torna-se evidente a rotatividade de mercadorias. Os vendedores ambulantes são trabalhadores que ganham seu sustento nas ruas e são menos dependentes da inconstância do movimento dos clientes em relação aos vendedores comuns. São eles que correm atrás da clientela aproveitando o máximo de oportunidades geradas na vida cotidiana, situação que também favorece a não contribuição de impostos. Ademais, o comércio ambulante necessita de baixa ou quase nula capitalização.

“Pode-se distinguir, grosso modo, duas categorias de vendedores de rua: os que são mais ou menos sedentários, que têm seu local fixo na calçada ou andam com suas mercadorias nas ruas do centro da cidade e aqueles que vão à procura de fregueses nos bairros. (SANTOS,2008, p. 219).

Os ambulantes que atuam na praia de Copacabana podem ser diferenciados pelas suas respectivas áreas de atuação. O primeiro e principal âmbito de trabalho é a faixa de areia, conhecida como a orla, lugar de intenso movimento e circulação, principalmente, em dias ensolarados. É nesse cenário que ocorre o palco de atuação dos ambulantes que trabalham vendendo inúmeros artefatos e serviços mediante ao seu próprio ritmo de trabalho com discurso decorado. O aumento desse tipo de comercialização tem



transfigurado as formas de consumo oriundas do público que frequenta a praia e o preço flexível dos produtos em detrimento dos valores ofertados no calçadão, fazem total diferença no que diz respeito à comercialização e ao consumo.

A segunda área de atuação é determinada pelo calçadão de Copacabana, nessa área a comercialização é mais atrelada a mercadorias ligadas a arte, como por exemplo, quadros, pinturas e esculturas; e a acessórios de cunho turístico e estilo moda praia conhecido basicamente como um “shopping a céu aberto”. Portanto, o circuito inferior da economia urbana configura o trabalho intensivo dos vendedores ambulantes, com baixo ou praticamente nulo investimento tecnológico e de capital; o circuito concebe estruturas que absorvem cidadãos em geral que possuem baixo nível de alfabetização, tornando maior as oportunidades de trabalho por exercerem papéis que são necessários constantemente no setor terciário.

Pode-se observar que diversas particularidades dessa dinâmica de comercialização na praia de Copacabana são explanadas por características do circuito inferior na cidade do Rio de Janeiro e que da mesma forma é incorporada pela informalidade que tem como característica abranger populações mais empobrecidas em espaços segregados. A cidade do Rio de Janeiro, além de ser rememorado como a “cidade maravilhosa” também é evocada com a cidade da pobreza urbana e a consumação da informalidade. Em suma, o circuito inferior se expande cada vez mais em razão da absorção de indivíduos que são desprezados pelos setores formais do circuito superior.

Em vista dos aspectos apresentados é importante salientar como o espaço geográfico é dividido e construído por meio da performance de dois circuitos da economia urbana. O impacto das modernizações concomitante ao papel do Estado – que predominantemente visa somente os interesses dos grandes monopólios – evidencia a fragmentação e divisão espacial através da estratificação social gerada pelas diferenças quantitativas e qualitativas revelando a existência desses dois circuitos.

A presença do circuito inferior da economia urbana é referência no cenário brasileiro, o emprego abundante de caráter temporário, sem vínculos formais e a falta de subsídios governamentais representam parte de um dinâmica econômica desigual, que ao mesmo tempo é responsável pela distribuição de bens e serviços para o consumo direto das populações mais pobres.



Resultados e Discursão

O perfil dos ambulantes é predominantemente composto por pessoas negras que variam entre crianças e idosos e que possuem diversos níveis de escolaridade. Além do mais, existe uma quantidade significativa de ambulantes estrangeiros, principalmente, senegaleses, venezuelanos e angolanos. Nota-se a atuação de diversos estudantes que estão em busca de alternativas para se manter diante dos tempos de crise a partir da comercialização de produtos diferenciados. Ademais, grande parte dos trabalhadores não estão autorizados para comercializar nas praias, existem diversas tentativas para regularizar o comércio ambulante e a ideia é torná-los microempreendedores a curto prazo devidamente cadastrados, para que toda cidade fique “livre” dos ambulantes ilegais e conseqüentemente dos produtos “ilegais”. Os ambulantes terão, por exemplo, acesso às informações e aos benefícios garantidos pela legislação ao Microempreendedor Individual (MEI).

Entretanto, essa medida torna esse modelo ainda mais excludente dentro do sistema capitalista periférico, pois por meio da regularização dos ambulantes e de suas mercadorias haverá segregação em relação aos mais pobres, influenciando diretamente na quantidade adquirida para comercialização e posteriormente na arrecadação pela venda. Outroassim, a regularização das mercadorias, se torna extremamente inviável para muitos ambulantes permanecerem com esse tipo de trabalho, pois os mesmos só conseguem se manter nessa categoria de ocupação caso haja mercadorias que sejam acessíveis, já que o trabalhador se encontra em condições vulnerabilidade econômica em razão da estrutura precária de trabalho atual.

O Estado tem se mostrado cada vez mais favorável somente em relação a atividades do circuito superior da economia, dado que, o mesmo propicia um ambiente benéfico à grandes corporações e monopólios através de isenções e redução do seu próprio poder de decisão. Nesse caso, o papel do Estado é praticamente inexistente no que diz respeito as atividades do circuito inferior, evidenciando uma perseguição e criminalização da pobreza acerca desse tipo de comercialização.



Considerações Finais

A nova concepção de reprodução capitalista causa efeito direto na transformação qualitativa e quantitativa do emprego e do desemprego, aumentando constantemente a absorção dos indivíduos no circuito inferior da economia urbana, ou seja, conforme os trabalhadores perdem seus postos de trabalho diante dessa nova perspectiva de desemprego estrutural, o mercado de trabalho informal ou intitulado como por conta própria se expande gradativamente. Na medida em que o trabalho permanece como uma necessidade vital de subsistência, o mercado de trabalho se torna cada vez mais inalcançável e destrutivo. A geração de novas oportunidades de trabalho é tracejada por uma onda de oportunidades “por conta própria”, que salienta um discurso inconcebível de microempreendedoríssimo e promove expectativas que não são capazes de garantir o mínimo de estabilidade como plano de saúde, FGTS, auxílio alimentação etc.

O processo de globalização se torna causa e a consequência do fracasso relacionado a produção da força de trabalho mediante a uma sociedade que dispõe os indivíduos a viver em fronteiras entre “ocupação” e desocupação”. A espoliação do trabalho na periferia do sistema capitalista tem um caráter progressivo, visto que, o sistema tende a provocar o empobrecimento da classe trabalhadora, o aumento da pobreza extrema, a redução salarial (que traz um impacto diretamente relacionado ao consumo), diminuição do tempo de vínculo empregatício e, principalmente, o declínio da inserção da mulher ao mercado de trabalho. A situação de trabalho ancorada em contratos temporários, sem estabilidade, ausência de registro em carteira, dentro ou fora das instalações dos empreendimentos, sejam elas mais estáveis ou intermitentes, são características presentes nas modalidades de trabalho (informais tradicionais, informais assalariados sem registro, informais por conta própria) na urbe carioca (ANTUNES, 2011). Desta forma, inexoravelmente, as condições de trabalho vão se tornar ainda mais precárias, haja vista, o avanço cada vez mais rápido da tecnologia, extinção de alguns ofícios que ficaram obsoletos, megafusões com o objetivo de ampliar ainda mais a acumulação de capital por parte das empresas e novas “flexibilizações”.

A crise urbana está pautada na alta concentração de renda e mesmo que haja o aumento e expansão da economia na periferia do capitalismo, a produção e o trabalho estão cada vez mais desconexos enfatizando a extrema pobreza e o aumento progressivo



do desemprego. Uma cidade que possui grande notoriedade internacional, desta maneira, sofrerá as consequências dos novos tempos. Como boa parte da população vende sua própria força de trabalho para sobreviver, a nova morfologia do trabalho determinará um novo modo de “trabalho”. No que concerne as atividades dos ambulantes na praia de Copacabana, além da comercialização destinada ao consumo dos indivíduos que frequentam constantemente esse ponto turístico e de lazer da cidade, existem incontáveis contradições do ponto de vista legal, pois a mesma atividade que é declarada como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial⁷ é perseguida e criminalizada constantemente. Dessa forma, é evidente que a ocupação como camelô na praia de Copacabana salienta múltiplas facetas tanto em relação as suas respectivas condições trabalhistas, quanto as de saúde, tal como a exposição demasiada aos raios solares.

⁷ Patrimônio Imaterial. PrefeituraRio, 2012. Disponível em:
<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4368015/4108330/18DECRETO35179AtividadeVendedorAmbulantedeMateLimonadaeBiscoitodePolvilho.pdf> Acesso em 29 de outubro de 2021.



Referências

ANTUNES, Ricardo. **O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural**. Theomai, n. 19, p. 47-57, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?** Serviço Social & Sociedade, p. 405-419, 2011.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE, 2021. **O que é desemprego**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 29 de out. de 2021.

PAINEL DE INFORMAÇÕES DO NOVO CAGED. NOVO CAGED. 2021. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNWl5NWl0ODEtYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YWI2IiwidCI6IjNIYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWw5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9&pageName=ReportSectionb52b07ec3b5f3ac6c749>. Acesso em: 29 de out. de 2021.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. Geographia: Revista da Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, v. 1, n. ju 1999, p. 7-13, 1999.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido. Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. 2ª Edição, 1ª reimpressão. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. Edusp, 2007.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. Edusp, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª Edição – Rio de Janeiro: Record, 2001.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

TELLES, Vera da Silva. **Mutações do trabalho e experiência urbana. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 18, n. ju 2006, p. 173-195, 2006.
Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n1/30013.pdf> >

WALLERSTEIN, Immanuel. “**Mundialização ou Era de Transição? Uma Visão de Longo Prazo da Trajetória do Sistema-Mundo**” In: CHESNAIS, F.; DUMÉNIL, G.; LÉVY, D.; WALLERSTEIN, I. *Uma Nova Fase do Capitalismo?* São Paulo: Xamã, 2003.